

NOTAS SOBRE O LATIM NO BRASIL

Anchieta: um poema em latim na areia



LATINĪTAS:

Uma introdução à língua latina através dos textos



NALPE
NÚCLEO DE ANTIGUIDADE
LITERATURA, PERFORMANCE E ENSINO



Anchieta escrevendo seu poema na areia
Benedito Calixto de Jesus (1853-1927)

Anchieta: um poema em latim na areia

Anchieta: um poema em latim na areia

O jesuíta José de Anchieta chega ao Brasil a 13 de julho de 1553, na terceira missão jesuítica, junto ao 2º Governador Geral D. Duarte da Costa. Um dos jesuítas de maior destaque e um dos fundadores da Escola de Piratininga, onde ensinava latim, português, espanhol, tupi e religião, é considerado “o primeiro humanista das Américas” (FARIA, 1959, p. 82). Escrevia com facilidade e fluência essas quatro línguas e compunha hinos, cânticos religiosos, diálogos, mistérios, autos, cartas e a história da Companhia de Jesus no Brasil (*Brasilica Societatis Historia et vita clarorum patrum qui in Brasilia vixerunt*). Anchieta também escreve, como instrumento para a conversão indígena, a *Arte de Gramática da língua mais usada na Costa do Brasil*, que foi publicada em 1595, mas que já circulava em manuscrito desde 1556 no Colégio da Bahia.

O conhecimento das quatro línguas das quais falamos antes permite a Anchieta o experimento de produção literária em todas elas: o tupi, o português, o castelhano (sua língua materna) e, de nosso interesse aqui, o latim. Acompanhando Nóbrega em Iperoig (atual Ubatuba), para o auxiliar na comunicação com os índios e na tentativa de controlar o clima hostil entre os moradores de São Vicente e os Tamoios, e, depois feito refém enquanto as negociações prosseguiam com Nóbrega, Anchieta “fez voto de consagrar à Virgem se conseguisse atravessar incólume as tentações da carne” (*Cartas Jesuíticas III*, p. 13) um poema em latim. É, então, a partir desse episódio em Iperoig, que nasce o poema latino, escrito em terras brasileiras, *De beata Virgine Dei Matre Maria*; na areia da praia, pois estava “em terra alhea, onde nam tinha livros, nem papel, nem tinta, né penna [...], compunha os versos, & logo virando- os á praia, fazia della branco papel, em que os escrevia, pera melhor metellos em memoria” (VASCONCELLOS, 1672, p. 87)¹. Segundo Vasconcellos, tendo retornado para casa, Anchieta passou para o papel o poema: “começou à desemrolar daquelle thezouro felicissimo de sua memoria” (p. 97), reescrevendo os 4.172 versos em dísticos. Analisando a dedicatória feita à Virgem, Vasconcellos, em tom laudatório, diz que “he digno compararse nosso Poeta, com qualquer dos melhores da antiguidade” (p. 99).

Dos versos de Anchieta à Virgem, selecionamos um trecho em que ele canta a compaixão da Virgem na morte do filho.

1 Padre Simão de Vasconcellos, um dos muitos biógrafos de Anchieta, com a obra: *Vida do veneravel Padre Ioseph de Anchieta da Companhia de Ieso, tavnatorgo do Novo Mundo, na prouincia do Brasil*. O poema, em latim, está transcrito na obra

De compassione et planctu virginis in morte filii

(Compaixão da Virgem na morte do filho Padre José de Anchieta)

*Mens mea, quid tanto torpes absorpta sopore?
Quid stertis somno desidiosa gravi?
Nec te cura movet lacrimabilis ulla parentis,
Funera quæ nati flet truculenta sui?
Viscera cui duro tabescunt ægra dolore,
Vulnera dum præsens, quæ tulit ille, videt.
En, quocunque oculos converteris, omnia lesu
Occurrent oculis sanguine plena tuis.
Respice ut, æterni prostrato ante ora Parentis,
Sanguineus toto corpore sudor abit.
Respice ut immanis captum quasi turba latronem
Proterit, et laqueis colla manusque ligat.
Respice ut ante Annam sævus divina satelles
Duriter armata percutit ora manu.
Cernis ut in Caiphæ conspectu mille superbi
Probra humilis, colaphos sputaque foeda tulit.
Nec faciem avertit, cum percuteretur; et hosti
Vellendam barbam cæsariemque dedit.*

Por que ao profundo sono, alma, tu te abandonas,
e em pesado dormir, tão fundo assim ressonas?
Não te move a aflição dessa mãe toda em pranto,
que a morte tão cruel do filho chora tanto?
O seio que de dor amargado esmorece,
ao ver, ali presente, as chagas que padece?
Onde a vista pousar, tudo o que é de Jesus,
ocorre ao teu olhar vertendo sangue a flux.
Olha como, prostrado ante a face do Pai,
todo o sangue em suor do corpo se lhe esvai.
Olha como a ladrão essas bárbaras hordas
pisam-no e lhe retêm o colo e mãos com cordas.
Olha, perante Anás, como duro soldado
o esbofeteia mau, com punho bem cerrado.
Vê como, ante Caifás, em humildes meneios,
agüenta opróbrios mil, punhos, escarros feios.
Não afasta seu rosto ao que o bate, e se abeira
do que duro lhe arranca a barba e cabeleira.

*Adspice quam diro crudelis verberare tortor
Dilaniet Domini mitia membra tui.
Adspice quam duri lacerent sacra tempora vepres,
Diffluat et purus pulchra per ora cruor.
Nonne vides, totos lacerum crudeliter artus,
Grandia vix umeris pondera ferre suis?
Cernis ut innocuas peracuta cuspide ligno
Dextera tortoris figit iniqua manus.
Cernis ut innocuas peracuta cuspide plantas
Tortoris figit dextera sæva cruce.
Adspicis ut dura laceratus in arbore pendet,
Et tua divino sanguine furta luit.
Adspice: quam dirum transfosso in pectore vulnus,
Unde immixta fluit sanguine lymphæ, patet!
Omnia si nescis, mater sibi vindicat ægra
Vulnera, quæ natum sustinuisse vides.
Namque quot innocuo tulit ille in corpore pœnas,
Pectore tot mater fert miseranda pio.
[...]*

Olha com que azorrague o carrasco sombrio
retalha do Senhor a meiga carne a frio.
Olha como lhe rasga a cerviz rijo espinho,
e o sangue puro risca a face toda arminho.
Pois não vês que seu corpo, incivilmente leso,
mal susterá ao ombro o desumano peso?
Vê como a dextra má finca em lenho de escravo
as inocentes mãos com aguçado cravo.
Olha como na cruz finca a mão do algoz cego
os inocentes pés com aguçado prego.
Ei-lo, rasgado jaz nesse tronco inimigo,
e c'o sangue a escorrer paga teu furto antigo!
Vê como larga chaga abre o peito, e deságua
misturado com sangue um rio todo d'água.
Se o não sabes, a mãe dolorosa reclama
para si quanto vês sofrer ao filho que ama.
Pois quanto ele agüentou em seu corpo desfeito,
tanto suporta a mãe no compassivo peito.
[...]



Antônio Parreiras (1928): José de Anchieta escreve o Poema da Virgem, nas areias de Ubatuba, enquanto aguarda as negociações do armistício de Iperoig (WIKIPEDIA.ORG).